

O TESTEMUNHO DO SENHOR

e a Necessidade do Mundo

T. AUSTIN-SPARKS

O TESTEMUNHO DO SENHOR

e a Necessidade do Mundo



clássicos

Traduzido do original em inglês:
The Lord's Testimony & the World Need

© 1994 by: Stichting Gods Akker (Twello - Holanda)
© 1999 por: CCC Edições / Editora dos Clássicos

1ª edição: março de 2000 / 2ª edição: maio de 2017



Tradução: Robertson Barros de Oliveira
Revisão da 1ª edição: Francisco Nunes
Revisão da 2ª edição: Paulo César de Oliveira
Capa: Wesley Mendonça
Projeto: Gerson Lima



Todos os direitos reservados na língua portuguesa

Editora dos Clássicos

19 3217-7089 / 19 3889-1368
www.editoradosclassicos.com
sac@editoradosclassicos.com

Proibida a reprodução total ou parcial
sem autorização escrita dos editores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A935t

Austin-Sparks, T.

O testemunho do Senhor e a necessidade do mundo / T. Austin-Sparks; tradução Robertson Barros de Oliveira. – 2. ed. – Monte Mor (SP): Editora dos Clássicos, 2017.

96 p. : 14 x 21 cm

Inclui bibliografia.

Título original: *The Lord's Testimony and the World Need*

ISBN 978-85-87832-62-7

1. Bíblia. N.T. Evangelhos – Estudo e ensino. 2. Deus. 3. Vida Cristã.
I. Oliveira, Robertson Barros de. II. Título.

SUMÁRIO

Prefácio à Segunda Edição Brasileira	7
Prefácio à Primeira Edição Brasileira	9

Capítulo 1

A Necessidade do Mundo: Vida.....	11
O que Entendemos por Vida?	17
A Resposta do Testemunho do Senhor: Ressurreição	19
Um Conhecimento Experimental do Significado da Cruz	25
O Poder da Sua Ressurreição Há de Ser Manifestado novamente no Mundo	27
Uma Revelação Viva de Cristo pelo Espírito Santo	28

Capítulo 2

O Vaso do Testemunho.....	31
Um Vaso Escolhido	34
O Vaso Anterior foi Suplantado	35
Um Recipiente Novo.....	39
Divinamente Encarcerado.....	43
O Vaso Liberado	44
A Vocação do Vaso	46

Capítulo 3

Nossa Necessidade: uma Visão de Deus	51
O Começo da Vida Espiritual.....	54
A Continuação da Vida Espiritual.....	55
A Consumação da Vida Espiritual.....	56
A Visão Necessária para o Serviço	57
A Visão que Liberta	58
A Visão que Une.....	60
A Visão que Sustenta.....	62
A Natureza da Visão.....	63
A Visão de Cristo como o Soberano Cabeça da Igreja.....	64
A Visão de Cristo em Seu Senhorio Universal.....	67
A Visão da Igreja como o Corpo de Cristo.....	69
A Visão do Vaso Vencedor	72

SOBRE T. AUSTIN-SPARKS

<i>Um Servo Fiel a Cristo e a Sua Cruz.....</i>	<i>75</i>
---	-----------

As citações bíblicas usadas são da Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida, 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo quando indicado pelas abreviaturas.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO BRASILEIRA

Mergulhado em um mar de crise – social, política, humanitária, ética, moral –, qual é a grande necessidade do mundo hoje? De que as pessoas precisam para saciar sua grande e desesperadora necessidade de satisfação interior?

A resposta de Deus é: Vida! A Igreja foi comissionada para ser Seu testemunho e canal de Sua vida, mas ela tem cumprido sua tarefa? Ou se tornou tão terrena e carente como o mundo?

T. Austin-Sparks, com a penetrante percepção espiritual que lhe era característica, descreve com precisão o que o mun-

do ansiosamente busca e, com assustadora clareza, por que a Igreja não consegue lhe dar uma resposta. Como um sério alerta, o autor declara que somente com uma firme decisão de permitir ao Senhor assumir o lugar de Cabeça soberano da Igreja é que os filhos de Deus poderão cumprir sua tarefa de manifestar Deus em unidade e pureza de testemunho, saciando, assim, a necessidade do mundo.

“Fomos chamados para orar [exorta Sparks] a fim de que o Senhor dê uma visão aos instrumentos do Seu ministério nestes dias em que Ele trará Seu povo para dentro de uma nova revelação de Si mesmo e, então, irá uni-lo, não como uma organização, nem como uma multidão de pessoas que aceitam certa interpretação, mas uni-lo pelos laços espirituais, porque quiseram ver o Senhor de forma nova. E tudo o que estamos pedindo é que haja um ministrar assim de Cristo neste mundo, pela revelação do Espírito Santo, para que tudo que não seja Cristo seja retirado e o povo seja unido ao próprio Senhor. E se estiverem unidos com Ele, então haverá unidade e as divisões cessarão.”

Publicada como o primeiro livro de Sparks em português, em abril de 2000, a presente obra é a 2ª edição revisada segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Pelos interesses de Cristo,

Os Editores

Campinas, maio de 2017

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA

Assim como A. W. Tozer, T. Austin-Sparks tem sido considerado vastamente um dos profetas de maior projeção da Igreja do século XX. Suas obras em inglês são altamente estimadas na Inglaterra e nas outras regiões de língua inglesa do mundo e têm sido acolhidas com abundante louvor por muitos líderes cristãos bem conhecidos, incluindo Watchman Nee, da China, e Bakht Singh, da Índia. Por isso, devemos nossa gratidão aos responsáveis pela publicação desta tradução em português.

O próprio valor intrínseco desta obra assegura que ela será recebida com apreço. Herdados de G. Campbell Morgan e Jessie Penn-Lewis quando jovem, e aprendendo aos pés dessas pessoas, o sr. Sparks tem profundo conhecimento da Palavra de Deus e um discernimento espiritual singular, unidos aos dons de consideração original e de vigorosa expressão. Como alguém que percebeu o valor das obras de Sparks, quando as li pela primeira vez, em inglês, há muitos anos, estou especialmente contente em vê-las disponíveis em português a um amplo círculo de leitores e cordialmente as recomendo a todos os santos de língua portuguesa.

Christian Chen

Flushing, NY, abril de 2000

Capítulo 1

A NECESSIDADE DO MUNDO: VIDA

“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi por Deus, outrora, prometido por intermédio dos seus profetas

nas Sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios, de cujo número sois também vós, chamados para serdes de Jesus Cristo.”

ROMANOS I.I-6

No que diz respeito à verdadeira necessidade do mundo, tudo pode ser resumido em uma palavra: vida. Não importa por qual ângulo analisemos, sempre iremos constatar que essa é a necessidade.

Temos evidências que sustentam esse fato em todos os sentidos e podemos reuni-las em algumas formas específicas de expressão dessa necessidade.

Começamos pelo âmbito mais amplo. Evidenciamos a necessidade do mundo nos domínios da impiedade. Não precisamos nos deter muito nessa esfera, mas está muito patente que o mundo fora de Cristo apresenta, de forma nova, com uma intensidade também nova, seu anelo por vida, sua necessidade de vida. Esse mundo possui suas próprias ideias em relação à forma como deve ser encarada tal necessidade. Sua busca por vida toma uma forma peculiar, a forma característica da cegueira, das trevas e da ignorância do mundo. Todavia, está evidente que o mundo procura vida. Não queremos dizer com isso que esteja à procura da vida em Deus. Não queremos dizer com isso que ele esteja à procura daquilo que entendemos por vida, isto é, uma vida divina, espiritual e eterna, mas sim daquilo a que ele chama “vida”. Vida é o que o mundo deseja.

Passando desse reino mais exterior, da multidão de homens e mulheres ímpios, a círculos mais interiores, testificamos a necessidade que está claramente sustentada (talvez, novamente em ignorância) por aquilo

que podemos chamar de “a Igreja nominal”. Quanto à distância a que a “Igreja” nominal e secular está situada da real natureza de sua necessidade, talvez não sejamos capazes de julgar, mas essa “Igreja” fornece uma verdadeira e autêntica evidência de consciência de sua necessidade; e, pelos meios que emprega e métodos que adota, mostra que vida é o que almeja. O próprio fato de estar entrando tão duramente em competição com o mundo no que diz respeito a prazeres, diversões, celebrações e muitas outras formas de ocupação é, por um lado, uma prova de sua consciência a respeito da falta de algo que satisfaça e, por outro lado, revela que somente o que pode ser chamado de “vida” justificará sua existência.

Apesar de talvez estar inconsciente das implicações totais de seus caminhos, ela deixa claro que a necessidade é de vida e que somente vida irá satisfazê-la. Poder-se-ia dizer que estar sem essas coisas que ela adota é estar morto; e nesse reino — um reino absolutamente superficial —, ouvimos pessoas falarem frequentemente de uma “comunidade religiosa avivada”, porque possui muitas das atividades que a caracterizam como tal. Eles afirmam: “Essa é uma igreja muito avivada!”. E quando perguntamos: “O que vocês querem dizer com estar avivada? Quais são as características dessa vida?”, a resposta é a seguinte: “É por várias razões, é avivada porque tem um grupo animado e uma boa programação musical, além de muitas ou-

tras coisas”. É isso que significa ser avivado! Logo, a procura da Igreja é por vida, ainda que de modo cego e confuso, pois tudo isso revela que somente a vida pode justificar sua existência e somente ela, a vida, corresponderá à sua necessidade.

Avançando, talvez, um pouco mais para dentro, verificamos um grande número de movimentos religiosos questionáveis e confusos, com seu alcance extraordinário, coisas sobre as quais devemos ter sérias dúvidas e nas quais nunca deveríamos depositar a confiança total de nosso coração. Vemo-los como movimentos religiosos, como movimentos cristãos, com um evangelho à parte, num estágio maior ou menor, varrendo a terra, atraindo e levando multidões consigo, arrastando milhares após si. E perguntamos: “Qual é o segredo do sucesso deles?”.

Não é necessário investigarmos muito para descobrir que há sérias dúvidas em relação à integridade de sua posição e de suas doutrinas. Há sérias carências em alguns e ênfases sérias em outros. Qual é o segredo do sucesso de seu alcance e por que muitos são capturados e arrastados por ele? A resposta é que essas coisas têm uma semelhança de vida; elas são a compensação para um estado de morte espiritual religiosa. Elas estão em contraste com o que é meramente tradicional e histórico no cristianismo, que se tornou moribundo. É isso que, denominado “vida” por aqueles que levam consigo tantas pessoas, dá a eles o sucesso. Quando se

considera a abrangente visão divina e espiritual acerca de sucesso e a aplicamos ao âmbito desses “bem sucedidos” movimentos cristãos, evidencia-se o fato de que, por fim, o que o mundo necessita em todos os aspectos é de vida.

Há uma esfera ainda mais interna, na qual encontramos o testemunho dos filhos do Senhor que estão espiritualmente famintos. Não devemos superestimar isso; não devemos ser levados a imaginar que as coisas estão melhores nesse aspecto do que realmente estão, pois só se pode provar com exatidão que as pessoas estão espiritualmente famintas examinando-se o quanto estão preparadas para se sacrificar a fim de ter sua fome saciada e para sofrer e suportar. Mas, apesar de termos igualmente de examinar esse grupo, há indubitavelmente uma fome entre os filhos do Senhor por todo o mundo, que está se revelando e não é difícil perceber.

Em quase todos os lugares, existem aqueles que estão completamente desapontados com o que há de disponível em termos de vida e alimento espiritual, e a questão que tem sido feita em todas as direções é: “Onde podemos obter sustento espiritual?”. O crescimento e o tremendo desenvolvimento do movimento de conferências entre os próprios filhos do Senhor é uma luz lateral; o fato é que se qualquer servo ou servos de Deus tiverem realmente algum suprimento espiritual para dar, os famintos sempre encontrarão aqueles que es-

tão prontos a fazê-lo, e haverá continuamente uma porta aberta para tal ministério. Isso, como tantos outros sintomas e indicações, é uma evidência do fato da existência, em todas as esferas, de uma profunda e forte necessidade de vida, daquilo que é ativo.

Essa é a situação geral no que concerne à necessidade do mundo. Tudo está resumido numa só palavra: VIDA.

O QUE ENTENDEMOS POR VIDA?

Mas devemos analisar e definir essa palavra. Se perguntássemos a qualquer pessoa o que ela entende por “vida”, acredito que descobriríamos, quer utilizasse ou não as mesmas palavras, que o pensamento sobre o assunto e a busca do coração podem ser expressos basicamente em três palavras:

(1) Realidade. Comumente se entende realidade como a experiência viva daquilo que se quer dizer e do que se deseja, em contraposição a uma teoria, a uma doutrina, a um credo, a uma forma; é aquilo que vem do mais íntimo do ser como uma realidade viva. Provavelmente, a palavra “experiência”, por si só, seria mais utilizada do que qualquer outra, mas todas sempre teriam o sentido de “realidade”. Vida, para as pessoas, significa o que é real, em contraposição àquilo que é somente teórico, místico, abstrato, um mero enunciado de palavras.

(2) Poder. A segunda palavra que mais apareceria numa pesquisa sobre o que se entende por vida seria “poder”. Utilizamos bastante o termo “dinâmico”. Isso é vida, não meramente como algo ativo em oposição a algo inativo, mas é vida que implica poder, que é capaz de realizar o que quer que seja; é estar numa situação de capacidade, por possuir o recurso da energia, da vitalidade, da eficiência. Tudo isso está implícito na palavra “poder”.

(3) Abundância. Em terceiro lugar, na definição de “vida”, seríamos levados a entender que, sem dúvida alguma, seu significado é “abundância”. Outro termo que poderia ser utilizado é “satisfação”, mas percebendo-se que o homem não é facilmente satisfeito, seria necessária uma abundância imensa para ele chegar a uma real satisfação. Logo, essa “abundância” é uma característica da “vida”.

Isso resume a necessidade do mundo: por um lado, é a vida, que significa realidade, a qual é inerente à experiência de vida, que indica poder, dinamismo, força, capacidade, recursos para realizar, para alcançar, para chegar-se a, para ser eficiente, em oposição a ser fraco, derrotado, fracassado, incapaz de alcançar um objetivo; por outro lado, é a compreensão de que há um reino onde a necessidade mais profunda é satisfeita, por isso não é preciso procurar em outro lugar a resposta a essa necessidade. Essa, pois, é a necessidade do mundo.

Estamos diretamente ligados à necessidade do mundo e ao testemunho do Senhor; assim, devemos procurar no próprio testemunho do Senhor a resposta à necessidade do mundo. Tratamos acerca do mundo em todos os pontos, e o testemunho do Senhor, por conseguinte, trata acerca do mundo em todos os pontos. Não vamos nos deter no primeiro mundo mencionado, o mundo dos ímpios, nem nos ocuparemos muito com o segundo, o mundo da Igreja nominal e secular. Devemos estar mais voltados, de imediato, aos outros dois, mais especialmente ao quarto mundo mencionado, que é o da necessidade espiritual do povo do Senhor, mas poderemos discorrer casualmente sobre o reino da questionável e confusa atividade cristã.

A RESPOSTA DO TESTEMUNHO DO SENHOR: RESSURREIÇÃO

O testemunho do Senhor é a resposta à necessidade em todos os aspectos, e tal como toda a necessidade está resumida na palavra “vida”, a resposta, representada pelo testemunho do Senhor, está resumida na palavra “ressurreição”. Uma leitura bem superficial do Novo Testamento já nos permite ver, com clareza, que “ressurreição” é a palavra-chave para a fé cristã. Se você ainda não examinou, por exemplo, o Livro de Atos, marcando as ocorrências da palavra “ressurreição” e observando seu contexto, deixou de fazer um dos estudos mais proveitosos,

úteis e importantes desse livro. Essa é a palavra-chave para a fé cristã.

A palavra “ressurreição” também deve ser definida, assim como definimos a palavra “vida”. Neste caso, olhamos para o Novo Testamento, a fim de defini-la com seus termos próprios. “Ressurreição”, como definido pelo Novo Testamento, possui quatro aspectos principais:

Em primeiro lugar, implica uma posição inteiramente nova para o homem. Analisemos o peso e a força total de cada uma dessas palavras: uma posição inteiramente nova para o homem. “Ressurreição” significa, portanto, que não há mais nada do que era antigo e que tudo agora é novo. Significa que o homem está numa posição que ele jamais ocupara antes e que nessa nova posição nada do que obtém agora podia ser obtido antes. Uma das coisas mais importantes que todo o povo do Senhor deve entender é que a ressurreição em união com Cristo significa que tudo o que se refere à posição deve ser perfeita e absolutamente novo.

Em segundo lugar, a ressurreição proclama que a mensagem básica da fé cristã é a cruz, pois não pode haver nada de novo neste caminho até que tudo o que for antigo seja lançado fora. A fim de assegurar que tudo agora é novo, o Senhor, muito definitivamente, faz a separação entre o novo e o velho; a cruz, portanto, é básica para a ressurreição, porque esta não abrange somente o reino onde a morte tem lugar. É inútil, é in-

sensato falar sobre ressurreição com Cristo sem reconhecer que isso pressupõe morte com Cristo e que a ressurreição do Senhor Jesus, a fim de ter algum valor espiritual em nós, demanda que a Sua morte também tenha tido um efeito espiritual em nós.

O testemunho do Senhor está na ressurreição, o que implica uma posição totalmente nova para o homem e, mais do que isso, um abandono completo da antiga posição, com tudo o que está relacionado a ela.

Em terceiro lugar, ressurreição significa, no aspecto positivo, um poder plenamente novo no homem. Esse poder não é algo do homem, de forma alguma. A vida e a obra no âmbito da ressurreição em união com Cristo baseiam-se no poder que vem unicamente de Deus, e nem um pouco do homem. É aqui que se encontra a lamentável falha na compreensão, pois o homem não pode fazer coisa alguma, o homem é irrelevante, não pode fornecer uma base de poder para a consumação do que existe na esfera da ressurreição do Senhor Jesus. Tudo o que há nesse reino é daquela natureza que poder humano algum pode alcançar, nem na vida nem no serviço.

Não é estranho que, apesar de ser tão claro, e apesar de o poder ser geralmente aceito como a realidade, toda a história da Igreja e a história da maioria dos cristãos contradizem isso, pois a Igreja e multidões de crentes têm procurado viver como cristãos e fazer o trabalho do Senhor com suas próprias energias?

Veja a enorme quantidade de energia humana que é utilizada na atividade cristã e somada para o cumprimento dos fins cristãos. Em sua quase totalidade, o que é chamado de “cristianismo organizado” está baseado nos projetos do homem e no desenvolvimento de seus planos, programas, esquemas, empreendimentos e propósitos, utilizando os recursos da mente e do cérebro, da vontade, do que é material, do interesse, do entusiasmo humanos para atingir aqueles objetivos. Mas depois de tantos séculos, concluímos que, apesar do enorme desenvolvimento e esforço, o que se vê não é proporcional ao que devia ser, isto é, está aquém no processo de consumação em relação ao início da era cristã.

Veja o poder de realização naqueles primeiros anos. Veja como as coisas caíam perante o testemunho do Senhor no início. Veja como toda força que se opunha a esse testemunho não suportava e se rendia. Veja como até os poderosos impérios, que colocavam todos os recursos para apagar esse testemunho, foram eles próprios derrubados, enquanto o testemunho avançava. E veja a capacidade das forças do mundo para resistir a esse testemunho hoje, para se colocar contra ele, para o derrubar! (Talvez estejamos errados em denominar “o testemunho”; deveríamos realmente chamar de “cristianismo organizado”.) O que isso significa? A resposta está na ressurreição em união com Cristo, pois nela o poder é inteiramente outro em relação àque-

le do homem. É um poder completamente novo, todo de Deus, ao qual o homem tem de se render em lugar de retê-lo ou tentar usá-lo.

Em quarto lugar, um conhecimento plenamente novo é estabelecido com a ressurreição. Isso é o que é chamado revelação. No terreno da ressurreição há, para aqueles que estão verdadeiramente num caminho espiritual e de vida, um novo conhecimento que pertence ao caráter da revelação divina pelo Espírito Santo. Em outras palavras, é um ensinamento sobre o Senhor Jesus realizado pelo Espírito Santo diretamente ao coração do que crê. Isso, diferindo integralmente de se aceitar uma história cristã, uma tradição cristã, uma narrativa cristã, uma doutrina cristã ou um credo cristão — o que tem sido comumente aceito como a interpretação da fé cristã através dos séculos —, é o que vem diretamente ao crente como o resultado do trabalho do Espírito Santo em revelar Cristo ao coração.

Essa revelação não é à parte da Palavra, das Escrituras, mas é por meio das Escrituras; não é meramente compreender a letra das Escrituras e conhecer o que há na Bíblia, como se faz para conhecer o que há em qualquer outro livro (mesmo que se possa considerar a Bíblia diferente e superior a todos os outros livros), mas é como uma iluminação por meio das Escrituras, a fim de que o conteúdo espiritual seja manifestado, não de uma só vez, mas ampla e progressivamente mediante as experiências. São necessárias as provações, as ad-

versidades, as situações de perplexidade; desse modo, é pavimentado o caminho para uma revelação de Cristo para aquela particular necessidade. Uma revelação viva, ativa e prática de Cristo ao coração pelo Espírito Santo é uma abertura do grande reino da realidade espiritual e eterna, reunida na Pessoa de Cristo. Ressurreição denota esse tipo de conhecimento interior.

Precisamos acrescentar algo mais. Ressurreição significa uma plenitude inteiramente nova. Ou seja, ressurreição indica o ilimitado; é mover-se num reino sem fronteiras. Uma experiência viva e espiritual traz-nos essa consciência, de tal modo que não importa há quanto tempo temos caminhado com o Senhor, ou o quanto o Senhor nos tem ensinado, ou, ainda, quão abundante possa ser nossa compreensão a respeito do Senhor, adquirimos a consciência de que estamos apenas no início da caminhada. É a entrada num mundo sem limites, e há infinitamente mais a ser conhecido do que já se conheceu ou se conhece. Mas o coração está sossegado, satisfeito em Cristo.

A ressurreição traz a consciência de que estamos em um lugar de plenitude, mas essa plenitude vai tão além, que sabemos perfeitamente bem que é possível avançar sempre. É algo muito abençoado e que deve ser ministrado nesse reino. A questão de muitos no ministério é a seguinte: “Serei capaz de perseverar? Posso esgotar todos os textos da Bíblia; e, então, o que acontecerá?”. Parece que as multidões de pregadores já

exauriram todos os textos da Bíblia e têm partido para seus próprios textos! É de ressurreição que se tem necessidade. Ela traz consigo esse reino de uma nova posição, de um novo poder, de uma nova energia, de uma nova plenitude por meio da cruz. Esse é o testemunho do Senhor para a necessidade do mundo.

Juntando tudo o que foi dito, e colocando em outras palavras, temos o seguinte: a necessidade que é suprida no testemunho do Senhor é, em primeiro lugar,

UM CONHECIMENTO EXPERIMENTAL DO SIGNIFICADO DA CRUZ

Essa afirmação é mais desafiadora do que pode parecer-nos no primeiro momento. Analisamos todas as esferas onde encontramos morte espiritual ou, como colocamos, necessidade de vida — o que indica haver morte em maior ou menor grau —, e questionamos, em relação a cada uma daquelas direções onde há morte: “Qual é a causa da morte? Qual será o caminho da vida?”. Concluímos, então, que a causa da morte é a ignorância ou a rejeição do significado da cruz, fato que possui uma aplicação interior.

Em muitas esferas, esse significado da cruz não é conhecido. É uma revelação completamente nova. Tudo o que se sabe a respeito da cruz é aquele trabalho objetivo, grande e glorioso, que é, entretanto, so-

mente uma parte do que Cristo fez por nós por intermédio de Sua cruz; e há pouco ou nenhum conhecimento do imenso alcance daquele outro aspecto importante e essencial da cruz: o que Cristo fez por nós deve trazer benefício para nós. Isto é, se Ele morreu por nós, o efeito da Sua morte deve estar registrado em nós, e temos de morrer com Ele. E nossa morte com Cristo não é somente a morte do pecado, mas a morte do homem natural. Este pode ser realmente muito bom, de acordo com os padrões deste mundo, mas na morte com Cristo ele terá morrido com toda a sua bondade, bem como com toda a sua maldade.

Isso é aceito, podemos dizer, na esfera intermediária dos que creem nisso como uma doutrina, uma verdade, que, porém, não vai além disso. Em outra esfera, isso é rejeitado, e o que é chamado de o aspecto subjetivo da cruz é recusado. Encontraremos, em todas essas esferas, uma carência de vida espiritual. Pode haver muita verdade, muita doutrina, aquilo que é chamado “luz”. Pode haver uma boa tradição e a história de um passado poderoso, mas o que se encontra ali agora é a morte, uma séria limitação da vida espiritual; e pode-se concluir, à luz disso e de forma básica, que o significado completo da cruz, numa forma experimental, não se pode obter lá. Logo, a cruz em sua plenitude é a grande necessidade, e a cruz deve ser mostrada novamente ao mundo, representada e expressa na vida dos que pertencem ao povo do Senhor.

Em segundo lugar, anuncia que:

O PODER DA SUA RESSURREIÇÃO
HÁ DE SER MANIFESTADO
NOVAMENTE NO MUNDO

O que anula o poder de Deus, neutraliza sua expressão, opera contra seu exercício e obscurece sua manifestação é o homem não crucificado. Se desejamos conhecer o poder de Deus claramente ativo, o homem natural paralisado, fraco, endurecido e não crucificado deve ser retirado do caminho.

Se Paulo foi um exemplo do poder de Deus trabalhando por meio de um homem, logo, ele também é um exemplo claro de como aquilo que é natural e age na sua própria energia e sabedoria foi colocado de lado, para que esse homem fosse conduzido para baixo, a uma posição bastante inferior e de total dependência de Deus, não só espiritual como também física, por toda a vida. “Desesperamos até da própria vida”, disse ele. “Já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Co 1.8-9).

E, em terceiro lugar, a necessidade do mundo saciada pelo testemunho do Senhor implica

UMA REVELAÇÃO VIVA DE CRISTO PELO ESPÍRITO SANTO

Não devemos pregar e ensinar sobre Cristo, mas ter uma revelação de Cristo pelo Espírito Santo. Isso resume o que dissemos.

Para enfrentar a necessidade, deve haver vasos. Devem existir vasos individuais, assim como coletivos, mesmo que sejam pequenos. Deve haver ministérios nos quais todos esses fatos apresentados sejam verdade e nos quais a cruz se tenha tornado algo muito real em relação ao deixar de lado tudo o que é natural, do homem, e em quem o poder da ressurreição de Cristo seja o poder em exercício, o poder que é de Deus e não do homem, no qual há uma viva compreensão de Cristo pela revelação e iluminação do Espírito Santo.

A necessidade do mundo, em todas as esferas, é de vida? A resposta do Novo Testamento é: “Sim”; mas ressurreição é essa vida de que se tem necessidade. Ressurreição significa, antes de tudo, um lugar de morte para que, então, possa haver ressurreição. Essa é a cruz em toda a sua plenitude. Deve haver o trabalho daquele poder divino que é todo de Deus e não de nós mesmos. Esse poder deve obter vasos e reinar neles. Não deve haver simplesmente doutrina, isso não deve ser ensinado como tal, não deve haver o que é chamado “luz”; deve haver, sim, revelação pelo Espírito Santo por meio da Palavra, a fim de que haja uma crescente com-

preensão, de forma viva, da plenitude de Cristo. Isso é ressurreição, e ela deve ser expressa, exibida e mantida nos vasos, individuais e coletivos, e nos ministérios.

Essa é uma visão geral da situação. Há uma grande quantidade de elementos reunidos no âmago da questão, porém não temos tempo para enumerá-los. Mas se essa é a necessidade, vemos em que direção a oração é necessária. Somos novamente levados a buscar o Senhor com um propósito real de coração, tanto para nós mesmos como para o Seu testemunho na terra entre as nações.

Ele trará essas coisas outra vez para um lugar real, no verdadeiro significado da cruz, onde o homem cessa seu labor e se submete por inteiro ao trabalho do Senhor na maneira correta, ou seja, quando o homem cessa e dá lugar ao que é de Deus. Desse modo, onde isso for feito, por meio de uma definitiva experiência da cruz, inicial e continuamente, o Senhor fará algo novo.

Em resumo, o Senhor terá crucificado completamente Seus vasos, Seus filhos, homens e mulheres, os quais viverão no Seu poder, que é o poder da ressurreição, vivendo sob um céu aberto, com o Espírito Santo revelando Cristo ao coração.

Esta é a direção que a oração deve tomar: que Ele levante um ministério assim!

Capítulo 2

O VASO DO TESTEMUNHO

Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de

Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.

2 CORÍNTIOS 4.1-7

Mais de uma vez já ouvimos que hoje o mundo necessita de outro Paulo. Mas duas coisas devem ser ditas em resposta a essa afirmação.

Uma é que outro Paulo, ou até mesmo o próprio Paulo, dificilmente daria ouvidos ao mundo cristão de hoje. Ele se oporia tão severamente ao cristianismo de nosso tempo, que fariam com ele o que o judaísmo fez com o Senhor Jesus, e com o próprio Paulo no início.

A outra, que parece contradizer isso, é que é muito necessário e importante lembrar que Paulo foi um representante da Igreja, a qual era o vaso corporativo para o testemunho do Senhor para a dispensação, e que o Senhor nunca pretendeu repetir Paulo pessoalmente e ter um Paulo individual ou em pessoa em cada geração desta dispensação. Mas o que o Senhor pretendia era que toda a Igreja fosse, nesta dispensação, o que Paulo era.

Paulo foi colocado como um modelo, um representante, uma personificação de toda a Igreja para a dispensação, e aquilo que era expresso por Paulo, servo de Deus, devia ser a real constituição da Igreja. As características da vida espiritual de Paulo deviam ser os constituintes da Igreja do começo ao fim da dispensação, para que pudéssemos estar mais próximos do alvo.

Assim, diríamos que o necessário hoje seria não outro Paulo, mas a Igreja de acordo com Paulo, em sua constituição espiritual. Não é o Paulo individual ou em pessoa, mas é o que veio espiritualmente por meio de Paulo e com ele, constituindo a Igreja, constituindo todo o Corpo.